

Recorrência de marcas proverbiais em dissertações de vestibular: formas de destacabilidade em um estudo comparativo

(Recurrence of proverbial brands on college entrance exam essays:
forms of severability in a comparative study)

Glauce de Oliveira Alves¹

¹ Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa - Universidade de São Paulo (USP)

glauce.alves@usp.br

Abstract: This paper aims to present a comparative study on the manifestations of severability in proverbial brands and the incidence of such brands in college entrance exam essays. Particularly, in this study, we observed the use of the brand that seeks to capture the formal constitution of the proverb genre, analyzing their discursive functioning. The analysis material consists of two sets of sixty essays: One in attendance to the proposal of FUVEST from 2006 and another from FUVEST 2009. As a theoretical referential, we will depart from concepts developed by the Theory of Enunciation and by the Discourse Analysis of French line of work. The results of this research points to the predominant use of the proverbial brand analyzed as a resource used by pre-college students to synthesize their texts.

Keywords: proverbial brands; college entrance exam essays; severability; writing.

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo comparativo sobre as formas de manifestação de destacabilidade em marcas proverbiais e sobre a incidência dessas marcas em redações de vestibular. Particularmente, neste estudo, observamos o emprego da marca que busca captar a constituição formal do gênero provérbio, analisando seu funcionamento discursivo. O material de análise é constituído por dois conjuntos de sessenta redações: um em atendimento à proposta do vestibular da FUVEST do ano de 2006 e outro, do ano de 2009. Como referencial teórico, partiremos de concepções desenvolvidas pela Teoria da Enunciação e pela Análise do Discurso de linha francesa. Os resultados dessa pesquisa apontam para a predominância do uso da marca proverbial analisada como um recurso utilizado por pré-universitários para sintetizar seus textos.

Palavras-chave: marcas proverbiais; redações de vestibular; destacabilidade; escrita.

Introdução

Este trabalho se propõe a apresentar um estudo comparativo sobre os modos de expressão de destacabilidade em marcas proverbiais e sobre a incidência dessas marcas em dois conjuntos de dissertação de vestibular produzidos em atendimento a duas diferentes propostas, a saber: a do vestibular da FUVEST/2006 (tema Trabalho) e a do vestibular da FUVEST/2009 (tema Fronteiras). Esses dois conjuntos, compostos por escolha aleatória, contêm 60 redações cada um, perfazendo o total de 120 textos.

Instituímos a denominação marcas proverbiais pela evidência de um índice considerável não só de provérbios integrais, mas também de seus fragmentos e de enunciados correlatos em textos de pré-universitários. Desse modo, compreendemos marcas proverbiais como as diferentes formas de manifestação do gênero provérbio nas redações

¹ Este trabalho integra uma pesquisa de mestrado financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

que compõem nosso material de pesquisa. Analisaremos, em particular, neste estudo, o funcionamento discursivo da marca proverbial que abriga uma constituição estrutural próxima ao do gênero provérbio, sem, no entanto, sê-lo.

No contato entre Teoria da Enunciação e Análise do Discurso, tomaremos como base os estudos de Bakhtin (2002; 2006) sobre o conceito de cronotopo e sobre gêneros do discurso; de Lysardo-Dias (2004), no que se refere à defesa do provérbio como gênero do discurso; e de Maingueneau (2002; 2008; 2010; 2011) no que se refere a desvios de provérbios e à destacabilidade, concepções que nortearão este trabalho do ponto de vista metodológico.

Desenvolveremos o seguinte percurso de estudo: a) apreciações sobre o gênero provérbio; b) exposição do conceito de destacabilidade; e c) análise do material de pesquisa e interpretação dos dados obtidos.

O gênero provérbio

O provérbio é um enunciado anônimo que apresenta como instância responsável a voz universal da sabedoria popular (*hiperenunciador*) e que se associa à tradição oral, uma vez que a transmissão de um provérbio instaura-se essencialmente pela oralidade². A cada enunciação proverbial um locutor (*aforizador*), representante dessa instância, recupera esse saber universal (MAINGUENEAU, 2002; 2011). Sendo assim, o provérbio se manifesta como exemplo nítido de retomada da palavra alheia.

Esse saber é constituído de características específicas que nos levam a considerá-lo como um gênero do discurso, conceito desenvolvido por Bakhtin (2006), em quem nos baseamos. Em seus escritos sobre gêneros discursivos, o autor indica que, nas diversas esferas de comunicação, os discursos são produzidos e são estruturados em gêneros. Mesmo reconhecendo que alguns destes se aproximam da estereotipia e da padronização, a abordagem proposta pelo autor se contrapõe a concepções que os definam a partir de uma constante estagnação formal e semântica, em favor de um olhar que os compreenda por sua relativa estabilidade. Dessa maneira, nesta abordagem teórica, até mesmo o provérbio, gênero reconhecível por sua aparente padronização, não é entendido como constantemente cristalizado.

Nesse sentido, Lysardo-Dias (2004) anuncia a variabilidade semântica de um mesmo provérbio. Para a autora, ele é um gênero do discurso, cuja configuração se estabelece da seguinte maneira: inserção obrigatória em outro gênero, o que lhe possibilita a construção de seu sentido em cada situação de uso, para que, assim, se faça possível seu funcionamento discursivo. Segundo a autora, por mais que esse gênero aparente apresentar um valor semântico estabilizado, “o quadro situacional no qual está inserido será específico, o que lhe garante um impacto único” (LYSARDO-DIAS, 2004, p. 143), ou seja, uma renovação de sentido em cada instante em que é empregado. Sendo assim, o caráter polifônico atribuído à enunciação proverbial consiste na retomada das enunciações proverbiais anteriores (MAINGUENEAU, 2002), contudo sem fazer com que o provérbio recuperado seja discursivamente igual aos anteriores.

2 Embora existam alguns provérbios que aparentam se originar da escrita, como é o caso dos provérbios bíblicos, consideramos esse saber como parte da tradição oral, uma vez que seu modo de transmissão se dá especialmente pela oralidade. Para nós, no caso dos provérbios, a escrita funciona mais como uma forma de conservação de uma tradição do que como um registro-fonte de um provérbio.

O provérbio em sua composição solitária apresenta cronotopia - constituição espaço-temporal de um enunciado (BAKHTIN, 2002) - representada por seu alcance universal e seu caráter atemporal. Essa abrangência referente ao espaço e ao tempo permite que o provérbio seja incorporado a diversos gêneros do discurso pertencentes a variadas esferas de comunicação humana. No entanto, por ser obrigatoriamente introduzido em outro gênero, o provérbio sofre constantes migrações cronotópicas, uma vez que se apropria de características espaço-temporais de outro gênero, redefinindo o seu cronotopo a cada situação de emprego.

Devido ao provérbio conservar a especificidade de, ao mesmo tempo em que se manifesta como um enunciado autônomo, incorpora-se a outros, Maingueneau oscila em relação a compreensão desse saber como um gênero do discurso. Em seu estudo intitulado *Enunciados sem Texto?* (2010) concebe o provérbio como uma “forma proverbial” ou como um “microgênero”, enquanto em *Polifonia, Provérbio e Desvio* (2010), por exemplo, o considera como um gênero. Para evitarmos imprecisões conceituais que as subdivisões de categorias genéricas possam nos ocasionar, assumimos, neste trabalho, o provérbio como um gênero do discurso cujo funcionamento discursivo e cuja composição reservam tais peculiaridades, para as quais, conforme vimos, atenta, também, Lysardo-Dias (2004).

Esse comportamento constitutivo do gênero provérbio nos permite salientar o mecanismo de relações intergenéricas (CORRÊA, 2006), o qual determina que a constituição de um gênero esteja intrinsecamente relacionada à de outros gêneros. Torna-se inconcebível, portanto, assumir a existência da pureza genérica, postura defendida por muitos professores em sala de aula, ao ensinarem gêneros a partir de um engessamento formal e da desconsideração do contato entre gêneros, o qual é entendido, na maior parte dos casos, somente como uma interferência.

No caso do provérbio, o mecanismo de relações intergenéricas pode ser constatado, também, quando o gênero em questão é imitado. A criação de uma nova verdade proverbial se instaura ao se resgatar características desse gênero.

No que tange a esse tipo de imitação, são de grande relevância as considerações de Maingueneau (2002; 2010) sobre os desvios de provérbios. O autor destaca a existência de dois modos de sua imitação aplicáveis tanto à estrutura de um provérbio já conhecido quanto ao gênero em si: a captação - desvio em que se imita um provérbio, buscando conservar suas características ou as do gênero - e a subversão - imitação que busca destruir o provérbio imitado ou o gênero. Tais alterações em sua estrutura comprovam a relativa estabilidade pela qual se constituem os gêneros, apesar de o provérbio se aproximar da estereotipia.

Em relação a essas transformações, Possenti (2009) afirma que esses são casos em que se torna evidente a existência de um trabalho do sujeito, quando se altera o enunciado alheio, cedendo-lhe um caráter subjetivo. De certo modo, então, nessa situação, o interdiscurso resulta de uma negociação subjetiva com e sobre o já-dito.

Em certa medida, a imitação de um provérbio e a identificação de seu pastiche são favorecidas pelo fato de que esse gênero apresenta forma estereotipada de fácil memorização e reconhecimento. Maingueneau (2008) indica que o provérbio compõe um grupo de enunciados que

[...] podemos designar pelo termo vago de fórmulas, ou seja, enunciados curtos, cujo significante e cujo significado são considerados no interior de uma organização pregnante (pela prosódia, rimas internas, metáforas, antíteses...), o que explica que sejam facilmente memorizados. (MAINGUENEAU, 2008, p. 75)

Em outro estudo do autor, o provérbio é caracterizado por sua composição curta de “ethos” sentencioso, geralmente, composto por construção binária com número igual ou aproximado de sílabas (MAINGUENEAU, 2002). Tanto essas particularidades estruturais quanto às enunciativo-discursivas cedem ao enunciado proverbial a propriedade de serem ressaltados do texto em que se inscreve. A esse mecanismo confere-se a denominação destacabilidade (MAINGUENEAU, 2008, 2011, 2012), concepção que desenvolveremos a seguir.

A destacabilidade e suas manifestações em desvios de provérbios

Do ponto de vista metodológico, tomamos como base os estudos de Maingueneau (2008, 2010, 2011) sobre o conceito de destacabilidade e de desvio de provérbios (2002; 2010). De acordo com o autor, há enunciados que se ressaltam em um texto, os quais “têm um estatuto pragmático específico” (MAINGUENEAU, 2011, p. 42) e, por isso, sua enunciação é denominada aforizante. Ele revela, ainda, que a aforização pode ser observada em dois tipos de enunciados: aqueles que são destacados de um texto, como as citações, ou frases que por sua natureza são destacadas, como os provérbios.

Maingueneau indica que

Pela aforização, o locutor – que podemos chamar de aforizador – se põe acima das restrições específicas deste ou daquele gênero do discurso. Ele assume o ethos de um locutor que fala do alto, um indivíduo que entra em contato com uma fonte transcendental; ele não se dirige a um interlocutor que está no mesmo plano que ele e poderia responder, mas a um auditório universal. Ele supostamente enuncia sua verdade, subtraída qualquer negociação, exprime totalidade vivida: seja uma doutrina ou uma certa concepção da existência. (MAINGUENEAU, 2011, p. 42-43)

Portanto, a enunciação proverbial, como um tipo de aforização, permite ao locutor, ao se apropriar de uma voz coletiva em busca de assegurar incontestabilidade àquilo que enuncia, uma locação autoritária em seu texto. Como exemplo em nossa pesquisa, atentamos para o fato de que o escrevente lança mão desse recurso, na tentativa de revigorar a construção argumentativa de seu texto.

Em nosso estudo sobre marcas proverbiais, em decorrência da diversidade de modos de uso do provérbio nas redações analisadas, constatamos as seguintes maneiras de sua destacabilidade: a) a da utilização em que aparece integralmente constituído; b) a da construção de enunciados em que se altera a forma de um provérbio; c) a da sua alusão em enunciados que apresentam o sentido de um provérbio ou de algum modo fazem referência a ele sem manter resquícios de sua forma; e d) a de enunciados que buscam imitar a sua forma. A análise deste trabalho se restringirá, particularmente, ao estudo da última forma de manifestação.

Quanto a essa categoria, é importante ressaltarmos que, em nosso material de análise, comprovamos a presença de apenas uma forma de desvio de provérbios: a cap-

tação. Levantamos, pois, as seguintes hipóteses para a ausência de subversão do gênero provérbio nas redações analisadas:

- a) a de o escrevente, possivelmente, acreditar que a subversão de um provérbio não cabe à redação de vestibular, um gênero que para ele não conceberia o emprego de elementos transgressivos³;
- b) a de o escrevente se valer de uma verdade proverbial já existente, sem necessitar recorrer a uma estrutura cristalizada, acreditando estar atendendo às orientações de professores para não utilizar frases cristalizadas em redações de vestibular; e
- c) a de o escrevente buscar não se contrapor a concepções apresentadas na coletânea nem de domínio comum⁴, pois acredita que isso prejudicará o seu desempenho na avaliação.

Fundamentando-nos nas apreciações teóricas expostas até aqui, em seguida, desenvolveremos nosso trabalho analítico.

Análise dos dados

Analisaremos dois conjuntos de sessenta textos de pré-universitários produzidos em atendimento ao exame dos vestibulares da FUVEST/2006 (proposta *Trabalho*) e da FUVEST/2009 (proposta *Fronteiras*)⁵, objetivando realizar um estudo comparativo sobre a incidência de marcas proverbiais, particularmente, aquela, cuja forma de destacabilidade se identifica pela busca da imitação de características estruturais do gênero provérbio. Utilizaremos como amostra duas redações que compõem o material de análise recortadas em trechos⁶, cada uma delas referente a uma proposta, de modo a exemplificar a manifestação de destacabilidade na marca proverbial que este trabalho analisa.

Segue, abaixo, o primeiro exemplo, produzido em atendimento à proposta do ano de 2006:

- (01) *Em uma sociedade capitalista [...] vivem em melhores condições aqueles que trabalham melhor [...]. Porque as pessoas se tornam viciadas em trabalho (não por prazer, mas por necessidade) [...]*
Por isso, a sociedade, cada vez mais, está perdendo a idéia do que é limite [...] só se pensa em acúmulo de capital, poder e é facilmente esquecido o prazer de trabalhar [...]
Entretanto, talvez não seja essa a vontade do trabalhador. Porque o que é exigido dele não é amor [...] não é arte, mas lucros. [...]
*Assim, não há perspectiva de um futuro diferente (para melhor) da situação atual. Pois se assim não o fizerem, estarão desempregados e terão que ser inferiores, porque mesmo aqueles que amam o que fazem, precisam comer: **E entre o amor e a comida, quando se está faminto, ninguém prefere amar.*** (Texto I 95)

3 Agradecemos ao Prof. Dr. Luiz André Neves Brito por sua contribuição no desenvolvimento dessa hipótese.

4 Isso parece ocorrer, sobretudo, no material de 2006. As marcas proverbiais que o compõe, em sua maioria, são constituídas de noções sobre o trabalho, que adotam um diálogo convergente com algumas concepções presentes em textos da coletânea da proposta.

5 As propostas podem ser visualizadas nos anexos deste trabalho.

6 A FUVEST não permite que publiquemos integralmente os textos dos candidatos. Por isso, apresentaremos trechos das redações sem que estas se tornem reconhecíveis e sem prejudicar a qualidade de nossa análise.

O texto apresentado desenvolve uma concepção de trabalho na atualidade como um meio necessário de custear seu sustento e de obter estabilidade financeira e lucro, sem, no entanto, ser uma fonte de prazer para o ser humano.

Provavelmente, a associação feita pelo escrevente entre o prazer do trabalho e as artes dialoga com o terceiro excerto da coletânea que compõe a proposta, no qual se desenvolve a noção de que o trabalho artístico exige cautela, dedicação e aproximação em relação à obra realizada. Em contrapartida, entende que a desvalorização da atividade artística, no sistema capitalista, faz com que aqueles que se dedicam a essa profissão sejam marginalizados e tenham dificuldades em garantir seu sustento diário.

O texto é finalizado com um enunciado, bastante peculiar que se resalta entre os demais, o qual assinalamos em negrito. Ele resgata características estruturais do gênero provérbio, buscando imitá-lo. No caso desse exemplo, a expressão “entre o amor e a comida, quando se está faminto, ninguém prefere amar” apresenta um ritmo específico que o organiza em uma divisão em três partes com igual número de sílabas poéticas (seis sílabas para cada uma das seguintes partes: “entre o amor e a comida, / quando se está faminto, / ninguém prefere amar”).

Esse enunciado parece funcionar como um meio para sintetizar as idéias que foram apresentadas no texto, visto que preserva a noção de que o trabalho não é uma atividade que gera prazer, mas sim um meio de garantia do sustento diário. Esse enunciado aparenta ceder à conclusão do texto um caráter incontestável e verdadeiro, como se fosse uma tentativa de o escrevente finalizar bem o seu texto, gerando uma frase de efeito que resumiria o ponto de vista defendido em seu texto a seu interlocutor, tencionando persuadi-lo.

A seguir, passemos à análise do exemplo que se refere à redação produzida em atendimento à proposta do ano de 2009:

(02) [...] *Hoje em dia, há uma dificuldade em determinar em que se baseiam as fronteiras visto que dentro de alguns limites fazem parte línguas, culturas e etnias distintas.*

Visto do espaço, o globo terrestre não possui aquelas linhas presentes nos mapas. [...] O que foi feito para, talvez, separar e “organizar” o mundo, acabou por gerar muitos conflitos, como se percebe na África. [...]

Acabar com as tais linhas divisórias ou criar mais delas não findaria o problema das guerras, sejam elas de qualquer proporção. [...] a verdade é que ela está dentro do ser humano. Na busca de se provar superior a outro indivíduo, a solução encontrada é aniquilar aquele considerado inferior. Aconteceu na dizimação dos índios na América, [...]

*É certo que todos têm uma índole má. O que difere uma pessoa da outra é a sua capacidade de se controlar, de conter esse ímpeto malicioso para não entrar em um “círculo vicioso” que, no fim, poderá prejudicar o mundo em que vivemos, os outros e a si próprio. **O limite da própria violência é cada um que estabelece.*** (Texto I 24)

No exemplo em questão, a noção de fronteiras é desenvolvida como um modo de construção humana, a fim de delimitar sua soberania. Em consonância com essa concepção, o enunciado, em negrito no excerto acima, resgata a noção de que o limite, seja ele o da violência, é demarcado, também, pelo ser humano. Como no primeiro exemplo, essa marca proverbial parece sintetizar as ideias desenvolvidas no texto. Ela pode ser entendida como uma tentativa de o escrevente gerar um enunciado-resumo, a fim de orientar o seu interlocutor quanto à tese que defende em seu texto.

Esse enunciado se destaca, também, por apresentar um ritmo que configura sua construção de forma binária, sendo cada uma de suas partes constituídas por aproximado número de sílabas poéticas (dez sílabas para a primeira parte e oito sílabas para a segunda: “O limite da própria violência/ é cada um que estabelece”).

Nesse sentido, captar a constituição formal do gênero provérbio significa, então, criar uma nova verdade proverbial, tencionando-se provocar efeitos moralizantes e incontestáveis que um provérbio pode trazer como contribuição para a construção argumentativa e finalizadora de um texto.

Quantificação e interpretação dos dados

Quantificando os dados, constatamos que a incidência de marcas proverbiais no material analisado referente ao tema *Trabalho* foi maior em relação ao do tema *Fronteiras*. Enquanto, até o momento, para o primeiro tema foram encontradas setenta e uma ocorrências de marcas proverbiais, para o segundo, vinte e três ocorrências no total.

Como uma possível explicação para a elevada diferença que se faz presente nos percentuais relativos à incidência dessas marcas em cada um dos temas, atentamos para o fato de que parece haver domínios de formações discursivas que constituem cada tema, os quais beneficiariam ou não, em diferentes graus, o emprego dessas marcas. Um estudo detalhado que desenvolva e analise esses dados será realizado em outra oportunidade.

Quanto à quantificação da marca proverbial que busca imitar características estruturais do gênero provérbio, em consonância com os resultados da quantificação das marcas em geral, a predominância da presença dessa marca se deu nos textos que respondiam à proposta do tema *Trabalho*: houve dezessete ocorrências dessa marca no material referente ao tema *Trabalho* e sete, no material referente ao tema *Fronteiras*.

Decidimos realizar a contabilização dessas marcas em relação à disposição que são encontradas no texto, buscando verificar se haveria a existência de concentração dessas marcas em uma parte específica dos textos analisados. Seguem, abaixo, as tabelas com os dados recolhidos:

Tabela 1: Quantificação da marca proverbial que busca imitar características estruturais do gênero provérbio quanto à sua disposição no texto para a proposta de tema *Trabalho*

Parte do texto em que a marca aparece	Quantidade
Introdução	1
Desenvolvimento	7
Conclusão	9

Tabela 2: Quantificação da marca proverbial que busca imitar características estruturais do gênero provérbio quanto à sua disposição no texto para a proposta de tema *Fronteiras*

Parte do texto em que a marca aparece	Quantidade de marcas
Introdução	1
Desenvolvimento	1
Conclusão	5

A partir dos dados apresentados, podemos verificar que há uma predileção pelo uso da marca proverbial de captação estrutural do gênero provérbio na conclusão dos textos. No caso do conjunto de redações que respondem a proposta do tema *Trabalho*, a

diferença entre a recorrência dessa marca no desenvolvimento e na conclusão dos textos é mínima, mas é possível constatar uma sobreposição desse emprego na conclusão. Em relação ao conjunto de textos que compõe o material referente à proposta do tema Fronteiras, é nítido o predomínio desse uso na conclusão.

Frente a esses dados, inferimos que o escrevente realiza seu trabalho, ao resgatar características de um gênero que faz parte de seu convívio, para finalizar seu texto, criando uma nova verdade proverbial. Constatamos, então, que essa forma de captação do gênero provérbio funciona, na maior parte dos casos como um recurso para sintetizar textos, e, assim, finalizá-los. Dessa forma, de maneira geral, o escrevente que recorre a esse uso tenciona terminar bem o seu texto para garantir um bom desempenho na avaliação, produzindo uma espécie de enunciado-resumo, como meio para orientar seu interlocutor em relação ao ponto de vista que desenvolve e defende em seu texto.

Considerações finais

As questões desenvolvidas neste trabalho mostraram a preponderância do uso de enunciados que buscam captar a constituição estrutural do gênero provérbio, na conclusão dos textos. Esse tipo de enunciado parece ser utilizado pelo escrevente, na maioria dos casos, como um recurso sintetizador de textos, que, ao expor uma nova verdade proverbial, pode revelar uma tentativa de o escrevente garantir a adesão de seu interlocutor e orientá-lo em relação ao ponto de vista ali defendido.

Comprovamos, também, uma maior incidência de marcas proverbiais nos textos que compõem o material referente à proposta de 2006, cujo tema desenvolvia apreciações acerca do trabalho. Entendemos, então, que parece haver domínios de formações discursivas que constituem cada tema, os quais beneficiariam ou não, em diferentes graus, o emprego dessas marcas.

Como desdobramento para a Linguística Aplicada, este estudo contribui para o ensino de produção escrita, uma vez que propõe a leitura de textos como registros da dinamicidade dos gêneros do discurso, os quais são constituídos em seu contato com outros gêneros.

Por fim, além de constataremos a articulação entre práticas sociais distintas (orais e escritas) que se revelam em prática escolar, evidenciamos o trabalho do escrevente em dois planos: o da captação do gênero provérbio no qual efetua contornos particulares; e o da realização de seu uso como meio de sintetizar e sustentar a composição argumentativa de outro gênero, a redação de vestibular.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006, p. 261-306.

_____. *Questões de literatura e de estética: a Teoria do Romance*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. 439 p.

CORRÊA, M. L. G. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. In: *Trabalhos de Linguística Aplicada*. Campinas (SP), IEL-UNICAMP, v. 45, n. 2, p. 205-224, 2006.

LYSARDO-DIAS, D. Características e funcionalidade discursiva do gênero proverbial. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Org.) *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 141-152.

MAINGUENEAU, D. A aforização proverbial e o feminino. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.) *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 41-58.

_____. *Doze Conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 207 p.

_____. Citação e destacabilidade. In: _____. *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 75-92.

_____. Do provérbio à ironia: polifonia, captação e subversão. In: _____. *Análise de textos de Comunicação*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 169-178.

POSSENTI, S. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 213 p.

ANEXOS

REDAÇÃO

<p style="text-align: center;">Texto 1</p> <p><i>O trabalho não é uma essência atemporal do homem. Ele é uma invenção histórica e, como tal, pode ser transformado e mesmo desaparecer.</i></p> <p style="text-align: right;"><i>Adaptado de A. Simões</i></p>	<p style="text-align: center;">Texto 2</p> <p><i>Há algumas décadas, pensava-se que o progresso técnico e o aumento da capacidade de produção permitiriam que o trabalho ficasse razoavelmente fora de moda e a humanidade tivesse mais tempo para si mesma. Na verdade, o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego.</i></p> <p style="text-align: right;"><i>M.A. Marques</i></p>
---	--

	<p style="text-align: center;">Texto 3</p> <p><i>O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura "David".</i></p> <p style="text-align: right;"><i>Adaptado de site da Internet</i></p>
--	--

INSTRUÇÃO: Os três textos acima apresentam diferentes visões de trabalho. O primeiro procura conceituar essa atividade e prever seu futuro. O segundo trata de suas condições no mundo contemporâneo e o último, ilustrado pela famosa escultura de Michelangelo, refere-se ao trabalho de artista. Relacione esses três textos e com base nas idéias neles contidas, além de outras que julgue relevantes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando sobre o que leu acima e também sobre os outros pontos que você tenha considerado pertinentes.

Anexo 1: Proposta de redação do vestibular da FUVEST do ano de 2006.

REDAÇÃO



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Baarle-Nassau_frontri%C3%A8re_caf%C3%A9.jpg, 30/06/2008.

fronteira

substantivo feminino

- 1 parte extrema de uma área, região etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro. Ex.: Havia patrulhas em toda a f.
- 2 o marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países etc.
Ex.: O rio servia de f. entre as duas fazendas.
- 3 *Derivação: por extensão de sentido.* o fim, o termo, o limite, especialmente do espaço. Ex.: Para a ciência, o céu não tem f.
- 4 *Derivação: sentido figurado.* o limite, o fim de algo de cunho abstrato.
Ex.: Havia chegado à f. da decência.

Fonte: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Adaptado.

As fronteiras geográficas são passíveis de contínua mobilidade, dependendo dos movimentos sociais e políticos de um ou mais grupos de pessoas.

Além do significado geográfico, físico, o termo "fronteira" é utilizado também em sentido figurado, especialmente, quando se refere a diferentes campos do conhecimento. Assim, existem fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem etc.

Com base nas idéias sugeridas acima, escolha uma ou até duas delas, como tema, e redija uma dissertação em prosa, utilizando informações e argumentos que dêem consistência a seu ponto de vista.

Procure seguir estas instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação, que deverá ter entre 20 e 30 linhas.

Anexo 2: Proposta de redação do vestibular da FUVEST do ano de 2009.